

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO ESTRANGEIRO



ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	France de porte
Anno ou 24 numeros	28000	Trimestre ou 6 numeros
Semestre ou 12 numeros	14300	N.º avulso ou pago a entrega
		ESTRANGEIRO
Anno ou 24 numeros	34000	Semestre ou 12 numeros

1.º ANNO — VOLUME I — N.º 14

15 DE JULHO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA — 43, Rua do Louro, 43 — LISBOA
 Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
 O correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.



JOÃO DE DEUS (Auctor do novo methodo de ensino — Cartilha Maternal)
 (Segundo uma photographia do sr. Loureiro)

SUMMARIO.

TEXTO. — Chronica occidental, por GUILHERME DE AZEVEDO — João de Deus, por JOAQUIM DE ANAUJO — As dussas gravuras — Os ultimos amores de Goethe, por D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO — A perdiz de cartão, por GERVASIO LOBATO.

GRAVURAS. — João de Deus — A rainha de Hespanha, D. Maria das Mercedes, no leito mortuario — Ponte metallica sobre o rio Lima — Pavilhões italiano, inglez, chinês e japonês, na exposição de Paris — Regata no Tejo, no dia 21 de Junho de 1878 — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Estamos n'este momento 32° acima de zero. Lisboa transpira. Como Chenier passa a mão pela fronte, repetindo o quer que seja e limpando a inspiração com um lenço.

N'estas condições de ebulição o mais que os cerebros podem produzir é o incendio, ou quando muito a polka-mazurka e a oitava rima. Entretanto por um esforço supremo nunca a vitalidade d'um povo se affirmou por manifestações exteriores mais eloquentes e mais significativas, desde o cyrio até ao baile campestre, desde o *rendez-vous* à bocca da urna até ao tripudio na feira do Campo Grande.

O telegrapho conclue o ultimo canto da *Odyssea* do sr. presidente do conselho, que volta da sua excursão a terras do Minho e Traz-os-Montes depois de ter caminhado sob um chão atapetado d'essas flores que tanto os governos como as opposições invejaram sempre a Lamego, quer dispostas em *bouquets* nas vitrines do Baltresqui ou do Ferrari, quer decepadas em talhadinhas e feitas com ervilhas.

— Peço perdão se ás vezes, insensivelmente, deixo de imprimir a esta chronica a magestade litteraria que os meus concidadãos tem direito a exigir d'ella. Devo penitenciar-me d'esse crime, começando por dar satisfação plena a um escriptor illustre que noticiando ainda ha pouco com a maior benevolencia esta modesta secção, deixava entrever de longe, nas suas palavras, que o chronista lhe deveria imprimir um caracter algum tanto menos futil.

De accordo. As obrigações da chronica estão de ha muito definidas. Ha modelos perfectissimos a seguir. A chronica deve fallar do ultimo livro notavel, do ultimo quadro celebre, da ultima caricatura, do ultimo dito, do ultimo rapto, mettendo a mão no sacco das galanterias quotidianas e enfileirando como em cima de uma *étagère* os mais recentes *biblots* da moda. Simplesmente o chronista não procede a este trabalho sózinho. Pede à sociedade que o rodeia que seja sua collaboradora dedicada, que invente, que tenha phantasia, que tenha genio, e que depois se sentem ambos à mesa do trabalho, traduzindo as suas concepções pela escripta. Nada mais simples. Passemos a experimentar.

Sim, sociedade portugueza. Ah! tu já inventaste, tu já tiveste phantasia, tu já tiveste genio! foi agora mesmo, não o negues, que eu bem te vi, a olhares para o tecto com o dedo no nariz! Pois muito bem; senta-te aqui ao pé de mim e ajuda-me a fazer a chronica da quinzena. É um momento. Deixa estar que em sendo dez horas vaes-te deitar.

Comecemos.

— O reverendo Conceição Vieira acaba de publicar em livro a narrativa da viagem que, na qualidade de peregrino, realisou a Roma ha cerea de um anno.

A critica tem sido demasiadamente severa para com este livro, accusando-o de, como obra mystica, se occupar demasiadamente de cozinha; e, como arte de cozinha, ser demasiadamente mystico. Na verdade, quando se falla da sopa de *rabiolos* com o mesmo entusiasmo com que se falla da cupula de S. Pedro, ha o risco de confundir Miguel Angelo com um cosinheiro; entretanto n'este erro não cae nunca o sr. Conceição Vieira. O distincto escriptor gostou, sim, extremadamente de um molho de peixe que provou em Roma, mas em todo o caso, jámais em um só capitulo do seu livro, confunde a *caldeirada* com a capella Sixtina.

A critica n'este ponto é pois injusta e parcial, e d'esse peccado não tenho duvida alguma em a accusar publicamente n'esta chronica.

— *Esboços* é o titulo d'um semanario recreativo que ha poucos dias saiu dos prelos portuguezes. Depois do titulo trás gravado este lemma: «Não se discutem n'este jornal nem as leis, nem a religião, nem a politica.»

Suprema prova de prudencia em quem enceta as arduas sendas da publicidade! Entretanto uma pergunta me aventuro a formular aos *Esboços*.

É permittida livremente a publicação de versos dedicados à madsilva ou à bonina do campo, quando elles unicamente não envolvam manifesta offensa ao governo, à carta, ou ao sr. cardeal patriarcha?

Cautela com a resposta, porque a verdade é esta: a bonina, segundo M.^{me} Akerman, é uma cousa muito diversa da mesma flor, segundo o *Jardim litterario*, e eu posso, cantando a bonina, sem offender manifestamente nenhum dos poderes do estado; sem a mais remota allusão ao sr. commissario geral de policia, sem a mais afastada referencia à ultima encyclica de S. S. Leão XIII; sem animosidade de especie alguma para com a ultima reforma administrativa, negar todavia, radicalmente, os fundamentos da crença professada pelos *Esboços* desde o titulo até à typographia!

Os *Esboços* devem pois desconfiar da propria bonina e cheiral-a, se tanto fôr preciso, antes de lhe dar publicidade. Quando lhe levarem á

redação uma *Lua pallida*, investigarão antes de a mandarem compôr quaes as crenças d'esse astro sentimental, e mesmo com relação ao proprio cantico *Meu anjo*, elle, na apparencia sendo a mais inoffensiva das trovãs, quando o bardo confesse

A ti sómente o meu preito
Es meu guia e meu fanal.

póde haver n'estes simples versos uma affronta cruel arremessada ás faces da carta, com a confissão publica de que ha alguém que não duvida dar o seu preito a um *anjo*, negando-o, entretanto, implicitamente ao codigo fundamental da monarchia, como é bem expresso no texto.

A suprema vigilancia para a manutenção intacta e sem mancha da divisa que adoptou, eis pois o que a cordura e a sensatez nacional tem a exigir dos novos *Esboços*, sendo de esperar que a expectativa publica não tenha rasão de queixa n'este ponto.

— Annuncia-se a festejada valsa — *A Roma, a Roma!* em 2.^a edição correcta e augmentada.

Depois dos ultimos acontecimentos que abalaram o mundo catholico, o auctor d'esta valsa não podia deixar de lhe adicionar alguns compassos explicativos, corrigindo tudo o que na edição primitiva não fosse completamente orthodoxo. A valsa deve estar agora no caso de ser dançada pelas consciencias mais escrupulosas que por ventura queiram ir até à capital do orbe catholico, aos pares, enlaçadas pela cintura, acompanhadas pela benção do senhor — ao piano.

— Depois de registrar estas manifestações da actividade nacional a chronica sente-se um pouco exausta! Escasseiam os assumptos condignos — os assumptos e a agua, como de ordinario succede em Lisboa, n'esta quadra do anno, — porque enfim, ir fallar dos cyrios ou da feira do Campo Grande, ou dos ultimos prodigios pyrotechnicos dos Recreios, será, talvez, offender a magestade da litteratura patria!

De resto a capital começa a emigrar para o campo e para as Caldas, afim de reforçar nas thermas o seu corpo alquebrado e enfermo.

Dizia-me, ha pouco, um dos espiritos mais arrojados e mais fulminantes dos que por ahí fazem o giro penoso d'este pequenino mundo: «Portugal é um pobre enfermo que se curava, talvez, submettendo-o a um tratamento rigoroso. A primeira cousa que elle precisava era a operação da talha, afim de lhe tirar de dentro os *calculos* do governo.»

Não sei se seria bastante, em todo o caso atrevo-me a dizer que a nacionalidade portugueza parece mais um caso pathologico do que um povo. D'aquí a pouco estamos postos em cera, como exemplar para os gabinetes d'estudos sociologicos:

N'estas condições deve desculpar-se a chronica, se ella partilha da defecção geral, achando-se sem animo para continuar a revista dos mesquinhos acontecimentos quotidianos que n'este momento preoccupam as attensões.

E todavia, excluil-os do registro publico equivale a pegar no vacuo e ordenar a um desgraçado que tire d'elle a Venus de Milo! O menos que póde acontecer, é, além dos braços, faltar-lhe tambem o resto, como acontece hoje à chronica!

GUILHERME D'AZEVEDO.

JOÃO DE DEUS

I

Entre as organizações eminentemente artisticas de Portugal, na segunda metade d'este seculo, destaca-se com o cunho poderoso d'uma robusta individualidade, o vulto sereno de João de Deus. Poeta e apostolo da instrucção popular, conseguiu em vida dois triumphos extraordinarios: — demoliu o velho lyrismo estafado das xacaras e dos solaus, abrindo novos horisontes à poesia, e proserveu para sempre das escolas os metodos irracionaes do padre Ignacio. É por isso que o nome de João de Deus está ligado, como nenhum outro, ao dos revolucionarios mais illustres.

Degladiam-se as theorias litterarias, surgem novas theorias, novos processos, novos systemas; — João de Deus é sempre o poeta á altura dos ideais modernos, porque os seus versos são de hoje, como eram de hontem e como hão de ser de amanhã. A sua obra poetica, compendiada nas *Flores do campo* e nas *Folhas soltas*, é das mais originaes dos ultimos tempos. Elle conserva-se alheio ás luctas e ás tempestades que se lhe desencadeiam á volta; vive n'aquella serenidade, cheia de uma tristeza vaga, que se revela em todos os seus versos, e quando as vicissitudes da existencia o veem perturbar, levanta os olhos ao ceu e, com a luminosa doçura de um crente, busca allivio, procura refugio no Deus que elle presente, no seu anclar vago de poeta.

A mocidade de João de Deus foi dirigida por um sacerdote do Algarve nas solidões de um pobre eremiterio. Passaram os annos, precipitaram-no nos labirintos da vida, mas o sentimento vivo e profundo de uma fé viva e profunda ficou para sempre em João de Deus.

Assim é que quando vê morrer a mulher que primeiro amou, a inspiradora dos singelos versos da *Oração*, encontra um balsamo doce que lança no coração enlutado da irmã da sua amada: — «Espera, vive e cáê,» diz elle na sentida elegia.

Nos versos das *Flores do campo* e das *Folhas soltas* está resumida uma grande parte da sua biographia: João de Deus é um poeta do

amor — foi o amor que lhe trouxe a poesia, e elle, nos seus versos, deixou como um reflexo luminoso de todos os astros, que momentaneamente lhe despontaram no ceu da vida. No seu lyrismo ha uma elevação genial: arranca-nos lagrimas e faz-nos vibrar uma a uma todas as cordas da commoção.

Que magestade soberana e que melancolica tristeza n'aquelles versos da *Marina!* E aquella doce rapariga, cuja casa era para o poeta como um templo, caiu morta na flor da primavera. Tinham acabado as illusões; mas havia ainda em cima, no azul cheio de estrellas, a lampada da Fé. E João de Deus viveu porque acreditava — pobre visionario! Era a crença que o salvava.

Quem percorrer uma a uma as poesias das *Flores do campo*, quem ler aquelles suavissimos idylls, naturaes, espontaneos, sem artificios, sente-se como que deslumbrado d'aquella obra colossal. E todavia João de Deus deixou ali uma especie de registro da sua vida: conta-nos as suas paixões, os seus sentimentos, as suas lagrimas e os seus sorrisos. Estes são mais raros, como mais rara é tambem a sua ironia, profundamente incisiva, de que temos um verdadeiro especimen nos dois famosos *Pires de marmellada*.

Nas *Folhas soltas* accentua-se, mais do que nas *Flores do campo*, a veia satyrica e epigrammatica; mas, apesar d'isso, é ali onde o seu lyrismo se eleva á altura do dos maiores lyricos do mundo. A primorosa composição da *Vida* revelára-nos já anteriormente João de Deus como o maior lyrico moderno da península, equiparavel a *Camões*: mas os seus versos a *Adoração* e *Não sei o que ha de vago*, etc., mostraram-nos bem a que alturas se soube guindar o poeta. Não conhecemos na poesia lyrica portugueza, dois trechos que se possam comparar áquelles. *Camões* somente se mostrou a tamanha altura; João de Deus n'aquelles versos eleva-se até onde chegou o colosso enorme do Dante, quando cantava nos seus versos olympicos de bronze o vulto radiante da Beatrice. Miguel Angelo nas sentidissimas endeixas a Vitoria Colonna está a par dos versos da *Vida*. Como Goethe, João de Deus tem o culto do eterno feminino, d'aquelle eterno feminino que Manuel Duarte d'Almeida, uma organização amplamente artistica e poetica, celebrou n'umas admiraveis estrophes, que honram um poeta de primeira grandeza.

Em torno de João de Deus brilha, com o resplendor de uma aureola, uma lenda que se impõe e que, mau grado nosso, nos subjuga. A tradição apoderou-se d'aquella personalidade e João de Deus é heroe de mil aventuras, que as gerações que o acompanharam em Coimbra repetem ainda hoje em todos os cantos do paiz.

Elle foi sacristão, apostrophou a lua de cima dos telhados, d'onde os pardaes fugiam cheios de alvoroço, dormia dentro d'um colchão de palha, dava passeios de cincoenta kilometros, tinha a casa forrada de longas paizagens formosas, e á noite, quando todos descansavam, ia passear com o seu jumento cheio de campainhas sonoras, ás margens virentes do Mondego, e dentro em pouco a academia inteiro, despertada em sobresalto, seguia-o, como a um triumphador.

Uma vez, em Coimbra, João de Deus discutia com Anthero do Quental a existencia de Deus. Surgiam novos incidentes, a discussão animava-se a cada passo, quando João de Deus, com a serenidade que o caracteriza, disse a Anthero:

— Em summa, seja como fór, eu sustento a minha idéa. Tenho mesmo obrigação restricta d'isso. Se Deus não existisse, se eu me convencesse d'essa monstruosidade, — vê tu que sorte a minha! — ficava reduzido a ser simplesmente o sr. João.

Em Coimbra gastou dez annos da sua vida, rindo, desenhando, dando longos passeios, tocando guitarra, e deixando á generosidade do secretario da Universidade o matriculal-o ou não. Despreoccupado da vida, nunca pensou em concluir a formatura; e quando se encontrou bacharel, sem saber como nem porque, ficou em Coimbra, como um guerreiro que descança depois das fadigas do combate. Cá fóra entretanto circulavam velozes, cheias de prestigio, as narrações d'aquella vida aventureira — João de Deus saiu de Coimbra com uma lenda e com uma carta de bacharel, a pé, sem destino e acompanhado por um amigo, que levava como unica bagagem duas botijas de genebra e o dinheiro sufficiente para mandar cantar um cego.

No caminho tomou-se de razões com o companheiro, e enquanto este proseguia na jornada gloriosa, João de Deus deitava-se na margem de um ribeiro e dormia tranquillamente e sem cuidados.

Proseguindo na sua marcha aventureira, encontrou-se em Beja, onde redigiu o *Bejense* por algum tempo; um dia procuraram-no debalde — João de Deus ia já longe, a caminho da sua terra natal.

Em Messines, no seio da familia, que o idolatrava, escreveu muitas das suas adoraveis poesias e elevou o seu lyrismo á altura dos mais sentidos versos de *Camões*. É d'essa occasião que data a versão do *Cantico dos canticos*, onde se podem admirar os seus grandes recursos artisticos.

N'uma das suas excursões, João de Deus não encontrava o caminho de casa; perdêra-se por entre as serranias. Um camponez ia passando; João de Deus prometeu recompensal-o, se a elle o conduzisse. Depois, vendo-se sem dinheiro, cortou uma das abas do casaco e deu-lha para fazer um colete.

O Algarve elegeu-o deputado; é desde então que o poeta fixou a residencia em Lisboa. Enfileiraram-no no grupo dos *Possiduosos* e João de Deus tomou assento nas camaras, onde brilhou pelo silencio mais completo. Dizem que fallára uma vez, mas do seu discurso não reza o *Diario das Camaras* — é que o grande poeta gesticulára durante meia hora com toda a seriedade, mas sem pronunciar uma unica palavra.

Em 1869 partia para a America um algarvio illustre, amigo do poeta das *Flores do campo*. João de Deus, convidado a acompanhal-o,

respondeu que sim, sob condição de que iria tambem Anthero do Quental. N'esse tempo revelavam-se os primeiros symptomas da doença que tem afastado do campo das letras o vulto poderoso do auctor das *Odes modernas*. Anthero accedeu á proposta; queria, dizia elle, ver o que o João era capaz de fazer em New-York. Quando estavam prestes a partir, João de Deus declarou categoricamente que a viagem por mar lhe produzia enjão e que por tal motivo os não podia acompanhar.

II

Nos seus primeiros annos de Lisboa, João de Deus estabeleceu-se no café Martinho. Quem ali entrasse a qualquer hora tinha a certeza de encontral-o, discutindo ou cavaqueando placidamente. Na propria noite do seu casamento esteve, como de costume, na sua palestra do café. Um dia, porém, desapareceu para sempre d'aquellas mesas, recolhendo-se definitivamente ao seu modesto quinto andar e vivendo unicamente para a esposa e para os filhos.

Foi n'esse isolamento cheio de encanto que o illustre poeta meditou e compoz a *Cartilha Maternal*; um editor, a quem a offereceu gratuitamente, recusou-se a imprimil-a, e um outro, a quem fallára d'ella como d'uma curiosidade, desviou prudentemente a conversa para outro assumpto; João de Deus tem orgulho bastante para que fosse procurar outro editor: poz de lado a *Cartilha* e votal-a-ia inteiramente ao ostracismo, se a não viesse salvar, publicando-a, o abade de Arcozello.

Não cabe nos limites d'este ligeirissimo esboço a apreciação da *Cartilha Maternal*; limitar-nos-hemos pois a indical-a como a obra mais beneficentemente revolucionaria, no alto sentido da palavra, que n'este seculo se tem produzido entre nós.

A *Cartilha Maternal* foi magistralmente analysada no *Ensinio*, do Porto, e a auctora d'essa critica, uma senhora allemã, Carolina Michéllis, que lá fóra, em França e na Allemanha, tem uma solida reputação scientifica, a auctora d'essa critica, diziamos, abismava-se de admiração diante da obra do popularissimo poeta e mostrava-nos ufana toda a solida originalidade d'aquelle livrinho immorredouro.

Saudando a *Cartilha Maternal*, Alexandre Herculano chamou-lhe um livro utilissimo, e Alexandre Herculano não pôde ser accusado de lisonjeiro. O austero solitario de Valle de Lobos previa com certeza já os futuros triumphos da *Cartilha*. Adolpho Coelho, uma das nossas individualidades scientificas mais vigorosas, escrevia tambem recentemente a João de Deus, felicitando-o com verdadeiro enthusiasmo pela sua creação racional, humana, eminentemente critica.

A *Cartilha Maternal* abolindo o systema rotineiro dos alphabetos e das soletrações, do a, b, c, e do b-a ba, apresenta aos olhos de quem aprende um horizonte limpo de nuvens; não ha quem não tenha uma grande sede de saber: os methodos é que prejudicam a vontade, porque são as mais das vezes inacessiveis ás creanças. O methodo João de Deus não tem nenhuma d'essas nebulosidades: é claro como a luz e simples como a alma do poeta.

São estupendos os resultados obtidos pelo novo methodo: raro é o dia em que a imprensa não registra nas suas columnas os prodigios maravilhosos a que se tem chegado. Em 13 dias lê-se correntemente, sem embaraços, nem estorvos, com facilidade, com elegancia até. D'aqui a dez annos não deve haver em Portugal uma unica pessoa que deixe de saber ler.

Multiplicam-se os apostolos do novo methodo; em todos os pontos do reino se abrem escolas; as camaras municipaes mandam a Lisboa os seus professores para serem iniciados na grande maravilha; as juntas geraes applaudem o desenvolvimento rapido, profundo da instrução popular; as côrtes chamam a attenção do governo para todos estes factos, e lá fóra vão repercutir-se os eccos formidaveis d'esta revolução gloriosa.

João de Deus, entretanto, no seio da familia, na sua pequena casinha isolada, longe dos centros litterarios e politicos, trabalha na sua obra, ensinando as creancinhas, e esclarecendo os professores que de toda a parte lhe vem pedir instruções. Ao vel-o, modesto, pobre, feliz, ensinando com a docilidade de um Froebel, ninguém de certo dirá que está ali o tocador da banza em Coimbra, o bohemio que se creou com uma lenda immortal.

A rapidez da aprendizagem foi já tomada á conta de feiticaria: João de Deus offereceu uma vez a um soldado da municipal, a quem leccionava, um copo de vinho. Pretendeu-se que o poeta dava beberagens com filtros singulares aos seus alumnos e que a velocidade no ensino procedia d'isso. Ha perto de vinte annos, talvez no seu unico momento de desespero, vendo-se pobre e longe da familia, João de Deus annunciou na *Folha do Sul*, de Evora, um curso completo em todos os ramos do saber humano: Philosophia, chinez, fazer meia, medecina, etc. O curso não se abriu por falta de alumnos. Se por ventura apparecessem, e o novo curso entrasse a ganhar fama, onde estariam agora os nossos estabelecimentos d'instrução official, assim amarrados a um ridiculo eterno?

João de Deus vive, como dissemos, no seio da familia. Alheio á litteratura e á politica, concentrou-se todo na propaganda do seu methodo.

Não pertence a partidos, nem é socio da Academia; d'aqui a cem annos, porém, os partidos hão de ter passado, a Academia dormirá o bom somno dos justos, e o grande poeta, o grande evangelizador, o caracter immaculado, ha de viver no coração do povo, que é o Pantheon da Posteridade.



A RAINHA DE HESPAÑHA D. MARIA DAS MERCEDES, NO LEITO MORTUÁRIO (Fallecida em Madrid no dia 26 de junho de 1878)
(Segundo um desenho do natural pelo sr. Badiño, publicado na *Ilustração hespanhola e americana*)



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES
PONTE METALLICA SOBRE O RIO LIMA, INAUGURADA NO DIA 30 DE JUNHO DE 1878 (Segundo uma photographia)



PAVILHÃO DA EXPOSIÇÃO ITALIANA



PAVILHÃO DA EXPOSIÇÃO INGLEZA



PAVILHÃO DA EXPOSIÇÃO CHINEZA



PAVILHÃO DA EXPOSIÇÃO JAPONESA

AS NOSSAS GRAVURAS

A RAINHA DE HESPAHNA NO SEU LEITO MORTUARIO

O OCCIDENTE n'um dos seus primeiros numeros, deu o retrato da formosa e juvenil rainha de Hespanha D. Maria de las Mercedes.

Poucas palavras nos resta hoje dizer. Era então a hora do idyllo. A princeza Mercedes acabava de desposar o rei Alfonso XII e na sua radiante fronte juvenil de 18 annos resplandecia entre os fulgores da aurora, entretecida n'uma corôa de rainha, uma corôa de noiva. Depois de alguns mezes, o epilogo d'esse dia feliz acaba de escrever a mão implacavel do destino. A rainha ali está inerte, gelada, vestida com o habito da Virgem das Mercedes, como foi a sua derradeira vontade, ao expirar.

O desenho que hoje reproduzimos em gravura, foi feito do natural pelo eminente artista Badillo, e publicado na *Illustração hespanhola e americana*, d'onde pedimos venia para o reproduzir como homenagem á memoria d'essa radiante e juvenil figura que já uma vez em vida tinha illuminado uma pagina do nosso jornal.

A NOVA PONTE DE VIANNA SOBRE O LIMA

Esta ponte, inaugurada com todo o esplendor, no dia 30 de junho ultimo, dá passagem sobre o rio Lima á via ferrea do Minho, no seu prolongamento atravez d'esta populosa e rica provincia, pondo o Porto em communicação directa com a Hespanha por Caminha.

Foi construida pela casa Eiffel & C.^a, a mesma que já tinha levado a cabo a conclusão da magestosa ponte sobre o Douro, no prolongamento do caminho de ferro do norte. É formada por um taboleiro de 563 metros de comprimento com dupla via, inferior e superior, havendo entre as duas a distancia de 7 metros aproximadamente.

A via inferior é destinada á passagem dos comboios, e a superior ao serviço de pé e viação. Além da ponte do lado de Vianna, ha um viaducto de 83 metros, e do lado opposto, em Darque, outro do mesmo comprimento.

O taboleiro é formado por duas vigas de ferro batido, de 7 metros e 50 centímetros d'altura, ligadas na parte superior e inferior por solidas travessas, e encontradas por cruzetas de Santo André. Ao taboleiro superior dão accesso duas rampas, uma do lado de Darque, com 215 metros de comprimento, e a segunda do lado da cidade, com 135 metros. A largura d'este taboleiro é de 6 metros e 65 centímetros.

A via inferior, servindo para a passagem dos comboios, tem de distancia entre as vigas 5 metros e 20 centímetros, e de largura interior livre, 4 metros e 80 centímetros. A altura do carril acima do zero hydrographico é de 9 metros e 62 centímetros, e a altura livre entre a agua e a chapa inferior das vigas, na occasião das maximas cheias, é de 4 metros. O taboleiro foi montado sobre uma plataforma de 200 metros de extensão, e lançado por tres vezes por um systema do proprio constructor.

O peso total da ponte eleva-se a 2.062.432 kilogrammas. Assistiram aos trabalhos, como engenheiro representante, mr. Charles Nougier; chefe do trabalho, mr. Gaujarenques, e engenheiro ajudante Sautter. O custo das obras construidas pela casa G. Eiffel & C.^a, foi de 322.940\$259 réis.

Para Vianna do Castello, e para toda a provincia do Minho, foi um dia de verdadeiro jubilo o da inauguração d'esta bella ponte, assistindo ás festas muitos milhares de pessoas. O governo estava representado pelos srs. Fontes Pereira de Mello, presidente do conselho, e Lourenço de Carvalho, ministro das obras publicas.

Nada mais grandioso do que estas esplendidas festas da paz e do trabalho, aonde se celebram as victorias alcançadas pelo genio do homem sobre a natureza! São estes os verdadeiros monumentos dignos do nosso tempo e da civilização moderna.

A FACHADA DAS NAÇÕES NO PALACIO DO CAMPO DE MARTE, EM PARIS

As nossas gravuras representam hoje quatro d'essas fachadas que o OCCIDENTE irá successivamente dando nas suas paginas.

— A *fachada italiana* é formada por um grande arco central, entre outros lateraes mais pequenos, separados por columnas de estuque imitando o marmore verde. Talvez pareça demasiadamente simples, mas a verdade é que não lhe falta nenhum detalhe preciso para que seja uma construção essencialmente caracteristica, como typo architectonico da renascença, estando perfectamente bem combinados os mosaicos, os marmores de diferentes côres e os preciosos modelos em barro cozido que constituem a sua ornamentação.

— A *fachada inglesa*, dividida n'uma porção de corpos distinctos, é bastante vasta e encerra exemplares de todos os estylos da architectura usada em Inglaterra nos diferentes generos de construção.

Vê-se a residência campestre, o bello e caracteristico estylo gothico de Isabel, como se representa no primeiro plano da nossa gravura; mais além divisa-se um *cottage*, seguindo-se-lhe ainda as construções industriaes de ferro e vidro no gosto moderno. Ha tambem uma parte d'estas edificações que apresenta a respectiva fachada no estylo gothico *byzantino*, que é hoje muito usado pelos architectos ingleses.

— A *fachada chinesa* eleva-se entre a do Japão e a construção mourisca da Hespanha. É uma edificação quadrangular, em xadrezes brancos e pretos. A porta pintada de vermelho vivissimo, constellada de

moedas chinezas, e o tecto de madeira escura recurvado nos angulos, além de outros detalhes de construção, dão a esta fachada um aspecto particular, extremamente caracteristico, fazendo-nos recordar esses curiosos objectos de xarão tão conhecidos de todos nós.

É dentro d'este pavilhão que se abrigam tantas maravilhas que desde os tempos mais remotos constituem a gloria da industria e da paciencia chinesa.

— A *fachada japoneza* é de aspecto simples, mas caracteristico. É a entrada de uma habitação, por assim dizer defendida por meio de uma porta firmada em grossas columnas de madeira. Mas o que caracteriza especialmente esta entrada são duas encantadoras fontes de faiança collocadas á direita e á esquerda. N'estas fontes o visitante pôde avaliar a hospitalidade japoneza, saciando-se n'um limpido filete de agua que brota d'uma flor, d'um nenuphar.

A REGATA DO DIA 24 DE JUNHO

Em Portugal estes torneios nauticos estão muito longe do que deveriam ser em vista das nossas condições especiaes. Contando nós tão gloriosas tradições maritimas, a protecção official dispensa-se em mais larga escala ás corridas de cavallos, por exemplo, que serão sempre entre nós um arremedo improductivo, sem nenhuns elementos de vida e sem a sancção do gosto publico, deixando-se ao abandono, ou á iniciativa particular de alguns, um torneio civilizador que está nos nossos costumes e nas nossas tradições mais gloriosas.

Portugal foi unicamente grande pelo mar, assombrando o mundo n'um dado momento historico pelas suas façanhas nauticas, e pelos arrojões da grande navegação de que os *Lusiadas* são a formidavel epopeia. Chegou um momento, porém, em que nos esquecemos quasi de tudo o que havia de mais glorioso no nosso passado, olhando o oceano antes como um tumulto do que como um fecundo manancial de vida.

Graças aos esforços da Real associação naval, o gosto pelas regatas mostra nos ultimos tempos tendencias para se radicar no espirito publico. A regata effectuada no Tejo no dia 24 de junho ultimo, em frente da rocha do Conde d'Obidos, foi já uma festa brilhante e extremamente concorrida.

A nossa gravura representa o momento em que os hiates de primeira classe, com as velas enfunadas pela brisa do sudoeste, disputam o premio destinado ao vencedor. Este premio foi obtido pelo *Altair*, designado na gravura com o n.º 1, seguindo-se o *Hulcyon* (n.º 2), o *Mina* (n.º 3), o *Surpreza* (n.º 4).

O *Altair* foi construido primitivamente para el-rei o sr. D. Luiz pelo sr. conde de Linhares, e offerecido por sua magestade ao sr. Teixeira de Carvalho, que, depois de algumas modificações, o tornou capaz de lutar vantajosamente com o *Hulcyon*, que até hoje tinha saído sempre vencedor em todos os torneios navaes.

Além dos barcos de recreio que assistem á pugna maritima, na nossa gravura vê-se o *Sirius*, a bordo do qual suas magestades presenciam a festa.

É aquelle hiate branco, de finissimas e elegantes linhas, que se avista á direita. No centro do quadro um barco dispara o tiro de peça, signal de haver chegado á balisa o hiate vencedor.

OS ULTIMOS AMORES DE GOETHE

VIII

«Ganhei sempre na minha intimidade com ella. Quando corria atrás d'uma borboleta, o meu espirito alcançava com isso a faculdade e a idéa de aprender a seguir o encanto ideal e secreto; quando me deitava na terra sobre as grandeservas, cheias de murmúrios, julgava-me embalado n'um seio d'um ser divino que derramava o seu balsamo refrigerante nos ardores da minha alma, e que transformava os meus desejos em visões intellectuaes.»

Por aqui se vê quão difficil seria seguir o caprichoso espirito de Bettina por todas as scismas em que a infancia lhe correu.

Sem mãe que velasse por ella attentamente, porque a sua morrera-lhe deixando-a pequenina, entregue bem cedo a si mesma, porque a familia que lhe queria muito, perdêra a esperanza de a submeter ás regras estreitas do bom senso, Bettina deixou vigorar e crescer dentro de si, com exuberancia indomavel, aquella estranha vegetação funesta e parasita cujas fórmas inquietam e assombram, cujos aromas produzem a allucinação e a nevrose.

O sonho invadiu a sua vida, e arrastou a desnorçada para as suas regiões nebulosas.

Quando ella de lá voltava desvairada, empallidecida, com os reflexos da luz ideal no olhar negro e fulgente, os que a viam julgavam-na no limiar da loucura, e compadeciam-se d'ella.

As vezes estas crises de enthusiasmo passavam subitamente, e a juvenil visionaria tornava-se uma travessa e encantadora creança.

Cantava como um canario, tinha risos sadios, inextinguiveis, tinha invenções d'um comico supremo.

— «Gosto mais de voar que de andar, e gosto mais de roar que de voar», dizia então para explicar a ligeireza aerica e sylphidica do corpo e da imaginação.

— «O que os outros chamam loucura é comprehensivel para mim, e faz parte d'uma sciencia interior que eu não sei exprimir», respondia tambem Bettina aos que a accusavam de vêr as cousas da vida ao avesso do que todos as viam.

Não tem o interesse de complicados dramas as innocentes aventuras da vida de Bettina, os espiritos delicados devem porém comprar-se em ouvil-as, como a gente se compraz em ver uma flor aveludada e mimosa, em ouvir uma musica singela, em respirar uma essencia fina e singular.

Nas cartas de Bettina, os protagonistas mais importantes não são de certo os homens, se bem que os homens que n'ellas figuram, mais ou menos rapidamente, sejam as celebridades maiores da Alemanha, os seus nomes mais gloriosos, começando por Goethe e por Beethoven, e acabando pelos dois Humbold, por Tieck, por Jacobi, por Schelling, etc., etc., que a todos ella conheceu, tratou e seduziu pelo seu talento brilhantissimo, ou pela sua original e profunda comprehensão da philosophia e da arte.

O que porém vive n'estas cartas muito mais do que elles, são as cousas inanimadas ou as cousas invisiveis.

Tão depressa arrastada pela sua inspiração demoniaca, vae subindo sem consentir que a sigam a espiral immensa dos mundos que ninguém conhece, como para curiosa e nos faz tambem parar com ella ou diante das bellas paisagens do Rheno ou do Johannisberg coroadas pelos vinhedos e doiradas pela poesia das lendas, ou diante de uma humilde hervinha, de uma concha, de uma borboleta, de uma nuvem cor de madreperola, de uma arvore d'onde pendem os ninhos e onde a vida palpita e canta.

Um artista de gosto e de imaginação um tanto exaltada acharia assumpto nos dois volumes de cartas de Bettina para as *illuminar* de vinhetas adoraveis.

Nós que não somos artistas, e que nem talvez tenhamos gosto, iremos escolhendo n'esta galeria de graciosos quadros, aquelles que mais nos ferirem o olhar e nos captivarem a sympathia.

A leitora perdoará o pouco acerto que porventura haja na escolha. É singular uma das primeiras surpresas sentidas por Bettina. Creada n'um convento onde nada se sabia de vaidades mundanas, ao voltar para casa da avó, achou-se um dia por acaso no centro de um grupo de que faziam parte as suas duas irmãs. Olhou para o espelho que ficava em frente das tres, reconheceu todas, menos uma figurinha de olhos flammejantes, de faces crestadas, de negro cabello crespo. Correu para ella arrastada por uma sympathia subita, e reconheceu então que era da sua imagem que se tinha namorado.

— «E assim foi sempre na vida — diz ella, relacionando, como é seu costume, com uma lei mysteriosa e invisivel, os factos mais insignificantes da realidade — nunca tive se não uma amiga, que me quizesse sem restricções e me entendesse sem desdens: essa amiga fui eu mesma.»

Outra scena da infancia lhe ficou gravada na memoria, e é reproduzida mais tarde com o vivo encanto que lhe é peculiar.

Foi uma arrojada aventura, clandestina e romantica, uma d'estas cousas que tem toda a consoladora doçura de uma virtude, e todo o sabor irritante do pomo vedado. Bettina estava em Offenbach durante as guerras napoleonicas, e na pequena cidade bombardeada pelo inimigo tudo era susto, desespero e confusão. Os austriacos perseguiam os francezes que se haviam refugiado pelas ruas da cidade deserta.

Os habitantes escondidos nas adegas esperavam o fim da contenda sangrenta. Bettina aproveitou-se do medo de todos para andar livremente pela casa, para remecher em tudo, para revistar as preciosidades da bibliotheca, onde havia colleções de conchas, de pedras, e de plantas que ella ha muito ambicionava, e para espreitar da janella os dramas que se passavam na rua.

N'uma d'estas occasiões, ouvindo o tropel de muitos cavallos em direcções oppostas, abriu a janella ao rez do chão e poz-se a olhar. Na rua central parava um cavalleiro dos regimentos vermelhos da Hessa. Bettina muitos annos depois recordava-se ainda de o ver com o sabre desembainhado, o bigode enorme, as longas tranças de cabello preto caindo-lhe da barretina vermelha, e o largo manto a fluctuar em torno d'elle. Esteve um momento indeciso como quem fareja uma pista perdida, e abalou outra vez a galope.

D'alli a pouco surgia a uma das esquinas um moço em mangas de camisa, cheio de sangue, com a cabeça nua, e correndo com a suprema angustia do animal montado.

Era um official francez.

Na rua ouve-se o passo do cavallo, o perseguidor passa rapidamente sem ver o desgraçado que se havia escondido no vão de uma porta, e Bettina aproveitou o ensejo para chamar este e para o recolher.

Ninguém de casa o soube. Ella pensou-lhe as feridas, deu-lhe o pequeno thesouro das suas economias de creança, descobriu por milagre em não sei que canto escuro um fato com que o vestiu, e comovida, sobresaltada, vibrante, entre o riso e as lagrimas, ponde pela primeira vez expandir em alguém as forças vivas da sua ardente caridade.

Quando, depois de findo o dia horrivel, todos se deitaram, Bettina foi buscar o protegido ao esconderijo em que o mettêra para lhe dar a liberdade.

Desceram ambos de mãos dadas, lentamente, e em silencio, as alamedas sombrias; quando chegaram ao pé da roseira brava onde o rouxinol vinha aninhar-se todos os annos, e que formava a sebe de separação entre aquelle e outro jardim, o moço, vendo que chegava a hora da partida, levantou ao collo o gentil corpinho da sua caridosa salvadora e encostou-lhe ao pequenino seio a cabeça cingida de ligaduras.

Bettina apertou-a com os dois braços, e rezou instantes baixinho pedindo para elle a protecção de Deus.

Depois o official tornou a pol-a em terra, beijou-a e partiu.

Bettina deixou-se all ficar absorta em não sei que vago enleio, seguindo com o olhar o vulto que se sumia entre as arvores no caminho do rio, que corria a dois passos, e desliando na memoria os rapidos incidentes d'aquelle encontro de horas que nunca mais havia de esquecer.

Mais tarde deram-lhe outro beijo, cuja historia vale a pena referir-se pelo protagonista que n'ella figura.

Um dia batem á porta da avó de Bettina. A pequena, curiosa, vae abrir a correr e entra um homem serio, vestido de preto, de testa larga, e olhos ardentes e um tanto inflammados pelas longas vigillias. Antes de dizer quem é e quem procura, assenta um beijo chilreado na face de Bettina, ao que ella sem tir-te nem guar-te responde com uma valente bofetada.

A visita não parece indignar-se do modo inhospito porque a recebem e entra na sala de Sophia Laroche, a avó de Bettina, que desata a gritar com verdadeiro enthusiasmo:

— Oh! Herder, meu querido Herder! que boa idéa o trouxe aqui! deixe-me abraçal-o mil vezes!

Era de feito o grande philosopho prussiano que a irreverente Bettina recebera com tamanha petulancia e que por causa d'isso mesmo conquistara desde logo a sua sympathia.

A avó pediu a Herder que abençoasse as suas tres netas, entre as quaes a menos querida era Bettina; Herder porém só á ultima é que quiz abençoar, dizendo-lhe lentamente, enquanto ella o olhava de esconso, com o expressivo e surratoiro olhar cheio de malicia para o caso em que a sua victima lhe permittisse uma indiscrição:

— «Esta parece muito indifferente de caracter; se Deus lhe concedeu essa qualidade como instrumento de ventura, que se sirva d'ella sem medo, que todos verguem á sua vontade, e que ninguém se lembre de a fazer mudar de rumo.»

D'alli a pouco, enquanto Bettina tratava das flores do terraço, sentiu-se agarrada pelas longas pontas fluctuantes do seu cinto azul e branco.

— «Vês, minha pequena Psyche — dizia-lhe a voz de Herder — as azas dão a liberdade, mas pelas azas se é agarrado muita vez.

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

A PERDIZ DE CARTÃO

Nos bastidores todos lhe chamavam a *Perichole*.

A alegre e folgazã alcunha apossára-se tanto d'ella que lhe escondera de todo o nome.

Só para a tabella das multas é que era Maria da Luz.

As tabellas nos theatros são os *Diarios do Governo* da empresa. Tem uma certa solemnidade official, que não admite gracejos patuscos.

Apezar porém do seu nome andar quasi sempre crivado de multas n'aquelle pelourinho das desleixadas e preguiçosas, nem por isso era mais conhecido.

Nos cartazes nunca apparecêra.

Nunca vira o sol da publicidade, nem a tinta das typographias do sr. Lallemand.

Era completamente virgem do publico.

A alcunha não. Essa corrêra todas as filas de cadeiras e balcões, vinda pela porta do palco. Envolvia-a toda como aquelles immensos chambres turcos que se vestem ao sair das tinas.

Ella sabia-o, e gostava. Aprazia-se com a sua alcunha, dava-se bem com ella, achava-a gaiata, jovial, *chic*, parecia-lhe que, deitando-lhe por cima aquelle nome alegre, lhe vestiam os fatos cheios de douros e de côres vistosas da cantora ambulante; que a embriagavam com o champagne do vice-rei, e que lhe descobriam os hombros e os braços brancos e roliços para os beijos ardentes e sensuaes do seu bom marido *recalcitrante*.

Vivia bem assim; embrulhava-se muito no seu querido cognome, usava-o até por casa, conseguira que sua mãe só lhe chamasse Maria quando lhe ralhava; e ella então aproximava-se da velha toda festeira, acriançada, carinhosa, fazia-lhe momices, beijocava-a e dizia-lhe n'um tom de *ron ron* de gata: «Então, mãe, não se zangue com a sua Pericholezinha.» E acariciava-se com a alcunha como uma *cocotte* com uma bola de arminhos. Depois ficava contente como um passaro: saltava pela casa, chilreava os *couplets* de Offenbach, esboçava passos *grivois* de cancan; mas, de pedaços a pedaços, olhava atravez das grades da sua prisão, via cá fóra horisontes luminosos e largos, carruagens luxuosas e veludos molles, e ficava pensativa, triste, de mau humor.

O passaro pensava em sair da gaiola.

Antes de ser a *Perichole*, Maria da Luz fóra a *Maria da Engomma-deira*.

Havia dezeseite annos que fóra baptisada em S. João da Praça e em pequena andava quasi nua pelos beccos d'Alfama, a brincar com as outras crianças, pallida, suja, anemica.

A mãe passava os dias a engommar as salas antigas da fidalguia intransigente, que leva o seu odio pelo seculo, que não faz caso d'ella, até odiar as ruas largas e arejadas dos bairros novos, os predios modernos com agua e gaz em contadores economicos.



4. Surpresa 3. Mina 2. Halcyon 1. Altair

REGATA NO TEJO NO DIA 24 DE JUNHO DE 1878, PROMOVIDA PELA REAL ASSOCIAÇÃO NAVAL

(Segundo um desenho do natural pelo sr. J. Dantas)

A Maria, apesar dos seus farrapinhos e do seu enfezamento, tinha uma cara engraçada, risonha, uns bellos olhos meridionaes todos cheios de irradiações febris, que fulgiam no fundo das suas covas, no meio de um rosto amarelado, côr de papel de lithographia e profundamente bordado de nodos das côres mais extravagantes e dos desenhos mais caprichosos.

Se aquella rapariguinha, que andava ali de pés negros e descalços, estivesse enquadada n'outra moldura, seria um typo distincto, correcto, característico das raças anemicas das capitae insalubres.

Assim, immunda, mais vestida de mascarras que de fato, ninguém fazia caso d'ella, nem dos seus hombrosinhos muito bem torneados debaixo do pé dos becos e das gorduras das comidas, nem do seu olhar scintillante e escuro.

Um dia, a familia toda levantou vôo das ruas de Alfama e veiu encaixar-se n'um casinholo pequeno, escuro e doentio do Bairro Alto.

O pae continuou a carpinteirar e a mãe a encher de gomma os folhos das saias.

Agora a sua clientella era mais alegre, mais galhofeira, as saias tinham menos severidade e mais roda, menos nobreza e mais gomma.

A pequena, entretanto, foi crescendo, foi medrando no lixo como uma flor de enxurro.

Aos quatorze annos era uma raparigota alta, toda esguia, muito arrebitada, com os seus trapinhos pobres e tendo uma predilecção febril pela toilette.

Comia muito, devorava as comidas ordinarias e baratas dos parques menus quotidianos, mas nada lhe luzia. Cada vez estava mais magra, mais esgalgada; chegava a parecer um rapaz vestido de saias.

Não tinha senão o palmo da cara — uma cara vulgar se não fossem os olhos em que referviam mil provocações e os cabellos abundantes, azevichados, todos crespos, com os tons luzidios das azas dos corvos.

E o que ella fazia a esses cabellos! Penteava-os vinte vezes no dia; andava sempre a fazer tranças, a fazer caracões, e um bello dia arrelhou o pae para toda uma manhã, com uns *chiens* feitos à moda.

Tinha uma preguiça colossal: odiava profundamente tudo o que era trabalho, e o seu grande gosto era ver-se ao espelho — um vidro quebrado com um aço a cair, que apanhára de um toucador velho que passára pela enchô do pae — e deixava-se estar horas e horas, nos dias santos, à janella, prendendo um desejo em cada vestido de luxo que via passar, e amarrando uma inveja surda às visinhas ociosas e duvidosas que passavam a vida encostadas aos parapeitos, com os cabellos cheios de pomadas e de laços; como aquella carochinha cuja historia aventureira tantas vezes a adormecera nos seus cobertores velhos, berço de criança pobre.

A mãe, uma velhinha enxovalhada, cheia de rugas, de annos e de nodos de ferro, assustava-se com o feitio que ia tomando a pequena. O pae não se assustava, batia-lhe.

N'esses dias de coça, Maria ficava doente de raiva, mordía os bra-

ços, e para não estragar as mangas do vestido mordía a pelle; e quando o pae saía, ralhava com a mãe, descompunha-a, insultava-a, e depois, quando a via chorar, abraçava-a, beijava-a muito, alliviada já da sua dôr que não passava sem ver chorar alguem.

Então eram expansões de ternura, conversas muito compridas, muito amigaveis, fallava-se em tudo com grandes benevolencias paternae, achava-se tudo bem, e faziam-se castellos côr de rosa nos horizontes longinquos.

N'uma d'essas horas de confidencia, Maria atreveu-se a dizer à mãe qual era o seu sonho de todos os instantes: — era ser mestra de piano.

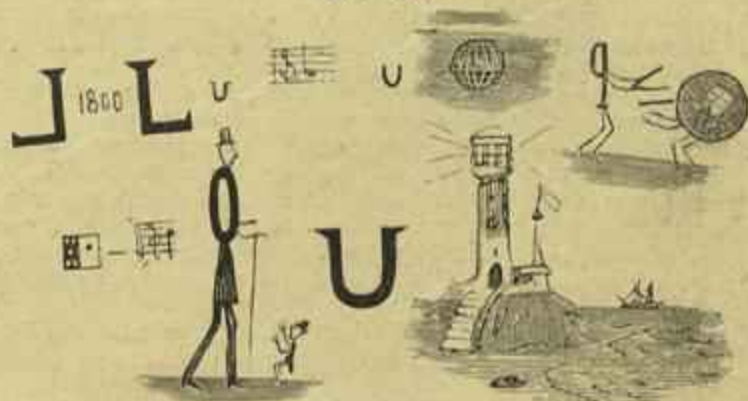
Não sabia o que era musica, nem se importava com isso, mas tinha visto varias vezes passar pela sua rua umas raparigas sósinhas, bem vestidas, com uma certa elegancia desleixada, com luvas e botas de polimento, com uns rolos de papeis na mão, e perguntava quem eram. Diziam-lhe invariavelmente que eram mestras de piano.

De então para cá o seu sonho era esse. «Mestra de piano» para ella, queria dizer mulher que anda só e que usa vestidos de cauda e luvas de pellica.

(Continúa.)

GERVASIO LOBATO,

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Muitos d'estes meninos voadores Estão em varias obras trabalhando.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA
6, Rua do Theouro Velho, 6